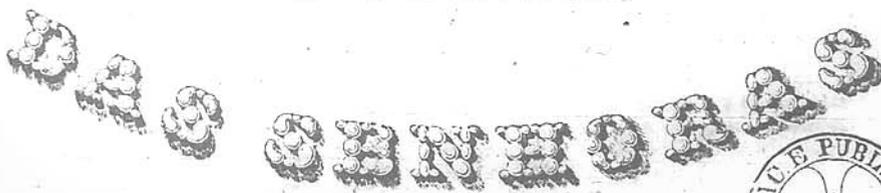


O JORNAL



Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.



∞ O programa e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina. ∞

VISITA

Da redactora em chefe do Jornal das Senhoras, á Imperial Quinta da Boa Vista.

Domingo passadô, minhas queridas leitoras, foi para mim um dia feliz, d'aquelles que fazem epoca na vida do artista: tive a honra de depositar nas augustas mãos de SS. MM. II. o nosso Jornal dedicado ao feliz anniversario natalicio de S. M. a Imperatriz. Era a primeira vez que tinha a honra de ver tão de perto a Augusta Soberana; dizem que a etiqueta prohibe olhar face a face com a Magestade, porém essa etiqueta não se entende commigo, que sou excitada ante nervosa, uma certa agitação-febril invade a minha cabeça e o meu coração combustíveis: por isso encarei o nobre rosto da Imperatriz, tão alvo, tão bello, e onde achei impresso essa candura ineffavel, essa expressão celestial dos anjos. Dirigi-me poucas palavras, que eu recolhi com avidéz e guardei no fundo

do meu coração, porque forão ditas com aquella benevolencia que encadeia os corações, acompanhadas d'aquelle meigo sorriso, que faz por um instante esquecer as distancias sociaes, e que parece dizer — no mundo invisivel da intelligencia e dos sentimentos todas as almas nobres fallão a mesma linguagem e podem comprehender-se um momento. —

Eu fiquei penhorada da immensa benevolencia da Exclsa Senhora, e assevero-vos que nos meus dias tormentosos, quando vejo todos os objectos d'este mundo atravéz de um véo funereo, para dessipar meu soffrim ento evocare sempre do fundo de minha memoria a visào adorada, do Anjo Bemfazejo do Brazil.

Elle me apparecerá com o seu simples vestido branco *come la creature bella bianco vestita* com seu sorriso ineffavel, seu olhar tão cheio de suprema indulgencia, e aquelle seu todo que a fez Rainha duas vezes.

« Pela vontade de Deus e pelas altas virtudes » que lhe conquistão os coraçõs. »

A redacção do *Jornal das Senhoras* acaba de dirigir ao Dr. Dom Valentin Alsina, Ministro do Interior em Buenos Ayres, a carta seguinte, acompanhada de uma colecção do *Jornal das Senhoras*.

Sr. Dr. Dom Valentin Alsina.

Tenho a honra de depositar nas suas mãos o *Jornal das Senhoras* redigido por mim, e no qual encontrará Vm. a publicação do romance *Mysterios del Plata*, que não é outra coisa que o principio das chronicas dramaticas que encerrou a dictadura de Rosas.

O drama, de que Vm. sua senhora e a familia do finado Dr. Maza forão actores, foi sempre tão interessante para mim, que quiz começar por elle com preferencia a outros muitos episodios d'essa época de horror, que felizmente terminou com a batalha dos Santos Lugares.

Não quiz reservar o seu nome, nem o das pessoas da sua familia, porque elles pertencem á historia do meu paiz; e porque julgo que, no romance historico, é indispensavel pelo menos a identidade das personagens: os homems publicos já não pertencem mais a si mesmos. O buril do excultor, o pincel do pintor, a penna do poeta, tem direitos á sua imagem e á sua historia.

Pelas lembranças que conservo do seu genio, parece-me que fui feliz no esboço do seu caracter, crenças e modo de pensar. Mui satisfeita ficaria eu se a sua approvação coroasse os meus esforços; e, se Vm. o permite, continuarei enviando-lhe pelo paquete o seguimento do romance, o qual muito prazer teria que se publicasse em hespanhol, para cujo fim já escrevi ao meu primo Reissig, para abrir assignaturas em Montevideo e Buenos Ayres.

Se Vm. se digna acusar o recebimento desta e dos Folhetins, que a acompanhão, eu terci muito gosto de dar publicidade nas columnas do *Jornal das Senhoras* ás letras que me dirigir; e acredite que serão lidas com interesse porque o circulo das nossas assignantes é o mais escolhido desta côrte, e a sua pessoa collocada hoje em uma das posições mais eminentes d'esse paiz dá forçosamente uma alta idéia, que é de certo bem exacta.

Tenha a bondade de offerecer os meus cumprimentos á sua senhora dispondo do inutil pretimo de quem se assigna com a mais alta estimação e respeito sua compatriota e attenciosa V.

Joanna Paula Manso de Noronha.

NECESSIDADE DA ORAÇÃO.

Quando acabaes de orar, não sentis vosso coração mais leve e vossa alma mais satisfeita?

A oração torna a afflicção menos do orosa, e a alegria mais pura: ella mistura n'uma, um não sei que se fortificaite e doce, e n'outra um perfume celeste.

Que fazeis sobre a terra, e não tendes nada a rogar á aquelle que ali vos colloron?

Sois um viajante que procura a patria. Não andeis de cabeça baixa, é preciso levantar os olhos para reconhecer seu eaminho.

Vossa patria é o Céu, e quando olhaes para o Céu não sentis nenhuma agitação? nenhum desejo vos atormenta, ou esse desejo é mudo?

Ha quem diga: *para que orar? Deus está muito acima de nós, para ouvir tão mesquinhas creaturas.*

E quem tem formado estas creaturas mesquinhas, quem lhes deu o sentimento, o pensamento, e a falla, senão Deus?

E Elle tendo sido tão bom para ellas, era para as desamparar depois e para as repellir para longe de Si?

Na verdade, eu vo-lo digo, aquelle que diz em seu coração, que Deus despreza suas obras, blasphema Deus.

Outros ha que dizem: *para que orar: Deus não sabe melhor que nós o que precisamos?* Deus sabe o que precisamos, e é por isso que Elle quer que vós lhe roguéis, Deus é por Si mesmo vossa primeira necessidade, e orar á Deos, é principiar a possuil-O.

O pai conhece as necessidades do filho; segue-se d'ahi que o filho não tenha mais uma palavra de supplica e de agradecimento para seu pai?

Quando os animaes soffrem, quando elles têm medo ou quando têm fome, dão gritos queixosos. Estes gritos são a oração que elles dirigem a Deus, e Deus os escuta.

Seria pois o homem o unico ser na criação, cuja voz não devesse nunca chegar aos ouvidos do Creator?

Passa ás vezes sobre os campos um vento que secca as plantas, e então se vê suas hastes murchas pendorem para a terra; porém hume decidas pelo orvalho ellas recobráo sua frescura, e erguem seus grellos languidos.

Ha sempre s'ipros abrasadores que passão sobre a alma do homem, e a murchão. A oração é o orvalho que a refresca.

Por E. . . .

A MALEDICENCIA.

A maledicencia é um fogo devorador que cresta tudo em que toca ; que exerce sua furia tanto sobre o bom grão, como sobre a palha, sobre o profano, assim como sobre o sagrado ; que por onde passa só deixa ruína e desolação ; que penetra até ás entranhas da terra e vai unir-se ás cousas mais occultas ; que muda em cinzas desprezíveis o que ha um momento não parecia precioso e brilhante ; que parece aberto e quasi extincto no momento mesmo em que, mais que nunca, opéra com mais violencia e perigo ; que ennegrece o que não pôde consumir, e que sabe agradar e brilhar algumas vezes antes de prejudicar.

E' um orgulho secreto que nos descobre o argueiro no olho do nosso semelhante e nos esconde a trave que está em o nosso ; uma inveja baixa, que, ferida pelo talento ou pela prosperidade de outro, disto faz objecto de sua censura e estuda para obscurecer tudo o que a excede ; um odio disfarçado que derrama sobre suas palavras a amargura encoberta em seu coração ; um fingimento indigno que louva á vista e calumnia em particular ; uma leviandade vergonhosa, que não sabe se vencer e conter-se por uma só palavra, e que sacrifica muitas vezes sua fortuna e seu repouso á imprudencia de uma critica que sabe agradar ; uma barbaridade que a sangue frio vai ferir nosso semelhante ausente.

A maledicencia é um mal inquieto que perturba a sociedade, que lança a discordia nas cidades, que desune as amizades mais estreitas, que é a fonte dos odios e das vinganças, que enche todos os logares onde entra, de desordem e confusão ; por toda a parte inimiga dá paz, da doçura e da placidez. Em fim é nma fonte cheia de um veneno mortal : tudo o que della parte está infectado, e infecta tudo o que a cerca ; seus louvores mesmos são envenenados, seus applausos malignos, seu silencio criminoso ; seus gestos, seus movimentos, seus olhares, tu lo tem sua peçonha, e a derrama á sua maneira.

Traduzido por E....

LINGUAGEM DAS FLORES.

(Continuação.)

ROSA MUSGO.

AMOR VOLUPTUOSO.

Não se desperte mais o amor platónico.

Esta encantadora variedade das cem folhas

é assás conhecida na Europa, e ha cerca de um seculo, que ella se cultiva nos seus jardins : e fez-se d'ella o symbolo da voluptuosidade por não ter espinhos e cobrir-se de certo musgo, quer no tronco, quer nas bracteolas, ou folhas floraeas, calice e sepulos que lhe dá extrema belleza. Mme. Genlis foi quem levou de Inglaterra para Paris a primeira rosa musgo. Como ella já tinha reputação litteraria, com o pretexto de ver a rosa, ia uma multidão de pessoas a sua casa movidas só pelo desejo de apreciar a conversação d'essa mulher, celebre e singular.

ROSA MATIZADA.

FOGO DO CORAÇÃO.

Meu coração está devorado pelo amor e pela inquietação.

O poeta Bonnefous enviou duas rosas á sua amada : uma branca, e outra escarlate ; juntando-lhes a seguinte quadra.

*Pour toi Daphene, ces fleurs viennent d'eclore ;
Vois, l'une est blanche, et l'autre se colore
D'un vif eclat ; l'une peint ma pateur,
L'autre mes feux ; toutes deux mon malheur.*

Mme. De la Tour, em consideração a estes versos, indicou como symbolo dos ardores do coração, não a rosa matizada, mas um ramalhete composto de uma rosa branca e outra escarlate.
vid. Rosa branca e eucarnada.

ROSA CAPUCINA.

BRILHO.

Nem tudo o que brilha é ouro.

Esta roseira offerece frequentemente sobre o mesmo pé flores inteiramente diversas : umas de um bello vermelho côr de chaga (coclearia), outras matizadas de escarlate e amarello, e outras finalmente de um amarello uniforme e vivo, o que dá ao arbusto um verdadeiro brilho.

Tambem se poderia fazer d'ella o emblema da fatuidade, porque suas florestão variadas exhalão desagradavel cheiro de porsovejo, quando se approximão ao olfato.

De todas as roseiras esta he a que menos tempo conserva suas flores : muitas vezes não durão mais do que algumas horas ; e a manha em que ellas desabrochão as vê desfolhar.

ROSA SIMPLES.

SIMPLICIDADE.

Não confundas a simplicidade do coração e das maneiras, com a do espirito.

A Simplicidade nas maneiras he um encant

tão insinuante, que até faz esquecer a fealdade, razão porque Clemência Izaura quando fundou os jogos florae, destinou uma rosa simples por premio da eloquencia.

No seculo 12.º os Papas consagravão uma rosa simp les de ouro em Sexta Feira Maior que reservavão para o presente mais honroso que tivessem de fazer : era em ultimo caso, que a en- viavão ao Rei de quem querião captar a bene- volencia e procurar a alta protecção. Entre ou- tros exemplos faremos menção da que Guilher- me, rei da Escocia, recebeu do Papa Alexandre III, e da que o mesmo Papa enviou a Louis, o joven, rei de França, pelas honras que recebeu na sua viagem á aquelle paiz.

Os papas fizerão da rosa simples e ephemera o emblema da simplicidade de costumes, da fra- gilidade do corpo e da pouca duração da vida : o meta! precioso e inalteravel, com o qual a modelavão, era alusivo á immortalidade da alma.

Continua.

POESIA.

A flor do cemiterio.

Meiga bonita do Prado.
Quem teu veio emmurcheceo ?
E n'um triste mausoleo
Quem cruel te desfolhou ?
Hontem eras tu formosa,
Tinhas graças, tinhas vida,
Hoje triste emmurcheceida
Tu lo a morte te roubou !...

O teu balsamo suave
Tens perdido, ó flor mimosa,
Tens a forma duvidosa,
Já não és a mesma flor !
Foi bem curta a tua vida,
Mal apenas despontada,
Foste logo decepada,
E morreste sem amor !...

Sobre o seio d'uma virgem
Nem se quer foi teu fadario,
E dos mortos no sudario.
Cruel sorte t'arrastou.
Sobre a ped a d'um sepulchro.
O teu b ilho feneceo,
E n'um triste mausoleo
Cruel mão te desfolhou !...

Salomon.

MOTE.

Tudo em ti é sympathia.

GLOZA DEDICADA A' MINHA AMIGA

A Ilma. Snra. D. M. da G. B. de F.

Tens d'acneena a candura,
Da rosa o bello composto,
Desenhou l'eus no teu rosto,
A placidez d'alma pura,
Ao ver tua formosura,
Venus ce te a primazia,
E por isso, bella Armia,
Eu quero amor consagrar te,
Por que tudo induz á amarte,
« Tudo em ti é sympathia. »

Anália.

ANEDOCTA.

VERDADEIRO USO DOS OLHOS.

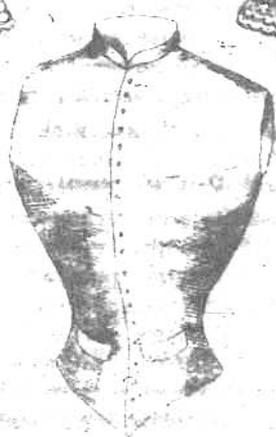
Um bispo italiano, lidando sempre com gran- des difficuldades sem murmurar, e achando grande opposição enquanto preachia sua mis- são, jamais chegou ao ponto mostrar-se en- colerizado ou impacientar-se. Um seu amigo intimo, admirador de taes vi tudes, as quaes elle achava impossivel poder imitar, perguntou um dia ao digno prelado se podia communicar-lhe o segredo de tanta indulgencia para com os seus inimigos.

O ancião respondeu-lhe.

— Sim ; posso communicar-vos o meu segre- do ; é elle muito facil, consiste tão-somente, em fazer verdadeiro uso dos meus olhos.

Seu amigo instou-lhe que se explicasse melhor.
De boamente replicou o bispo.

— Em toda e quaquer situação que eu me encontro nesta vida, levanto em primeiro logar os meus olhos ao céo, e lembro-me que o negocio o mais importante para mim é trabalha para a minha jornada até lá ; e depois abaixo o meu olhar para a terra e contemplo quanto é pequeno o es- paço que hade occupar a minha sepultura ; fi- nalmente lanço um derradeiro olhar para esse largo e espaçoso mundo, e observo que multi- dão de infelizes não gira por toda a parte, mais desgraçados do que eu !



Assim é que aprendo onde está collocada a nossa verdadeira felicidade, para onde é que todos os nossos trabalhos devem encaminhar-se, e quanto seria pequena a razão de compaixão que tivesse de mim mesmo, ou de rebeldia á vontade do Creador.

PENSAMENTOS.

Encontrão-se a cada passo homens, sem talento, sem estudos e sem principios, proferindo em tom decretorio os maiores absurdos sobre as questões sociaes.

Que penetração, ou sciencia physionomica, pôde igualar o engenhoso instincto de uma esposa estremosa, quando ella interroga o coração do seu amado, com a linguagem dos seus olhos?

A felicidade assemelha-se á rosa do pudor que murcha apenas se toca.

A religião é a cadeia de ouro que liga os homens e a terra ao throno do Eterno.

Os maiores serviços que se fazem á religião, são tambem os maiores que se fazem á humanidade.

A curiosidade é o defeito dos meninos que não sabem nada, e dos loucos que se occupão das loucuras alheias.

MISTERIOS DEL PLATA. (*)

Com o mundo começou uma luita que só com o mundo mesmo acabará: não-antes-a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, e da liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra coisa que a relação desta interminavel luita.

MICHAEL, Historia de França.

PROCESSO DE UM SELVAGEM UNITARIO.

Bulha de passos, que á igreja se dirigião, annunciou que a hora do juiz soava, e que o illustre juiz de paz chegava acompanhado das out a machinas judiciarias.

S. S. tinha permanecido, até esse momento, em uma das salas do convento; achando conveniente não ter contacto algum com o nojento e selvagem unitario, senão aquelle assás necessario para a melhor custodia do preso.

Deve parecer extraordinario, que se intentasse

fazer o processo de um homem, que não obstante o anathema de expatriação que pesava sobre elle, não tinha contra si dado algum positivo nem indirecto, que o accusasse perante as leis; comtudo naquelle tempo Rosas não se atrevia a tirar a mascara da hypocrisia, e valia-se do nome da justiça e das suas formulas, para melhor encobrir suas vinganças pessoais.

Antes que os assassinos de abril de 1840 designassem esses mezes com o nome de—mezes de Rosas—e escrevessem com sangue uma lembrança innapagavel nas eternas laudas da historia do Rio da Pra'a, o governador (ab eterno) de Buenos-Ayres assassinava as suas victimas com a cooperação dos gangrenados tribunales, que não protestavão de tão horrenda violação dos seus deveres.

O juiz de paz e os seus satellites tomárão lugar nos degrãos do altar-mor, e o réo de pé, ficou diante dos seus juizes.

Naquelle momento a tempestade, chegando ao seu maior auge de violencia, bramia em redor do arruinado edificio; rugia o vento, zunindo tristemente entre os claustros, cahia a chuva com estrepito, e o trovão ressoando estremecia até os alicerces daquellas ruinas.

Quantos daquelles bisinhos campeiros, não acreditarião que era o inimigo do genero humano que armava todo aquelle barulho desde os infernos, em despique do selvagem unitario, que os bons federaes tinham pihado em flagrante difficto.... tudo podia acontecer.

O illustre juiz de paz levantou-se dirigindo as seguintes palavras a guisa de um proclama, e não sem tirar primeiro respeitosaemente seu grande chapéo de abas largas, companheiro do inseparavel farrapo vermelho, devise da Federação, ou para melhor dizer, libré degradante de um governo todo pessoal e anti-nacional.

Viva a Federação! começou dizendo o juiz.

Viva! responderão em coro os manequins, que fazião o papel de jurados.

Morrão os selvagens unitarios!

Morrão!

Um espantoso trovão, acompanhado de um raio, misturou sua pavorosa explosão á sacrilega maldição que lançavão os homens illudidos sobre seus infelizes irmãos.

Viva o illustre restaurador das Leis! exclamou o juiz com maior fogo, como embriagado e aguilhoado pela bulha sempre em augmento da tempestade.

(*) Vide o n. 11.

Viva! Viva! Viva! Responderão os campeiros.
O juiz proseguio.

Amigos e paizanos! Encarregado por S. Ex. o illustre restaurador das leis, de velar pela tranquillidade deste districto e fazer respeitar e obedecer ás ordens do nosso illustre restaurador (Q. D. G.) tive aviso da proximidade de um selvagem unitario no Paraná: conjecturando que talvez intentasse introduzir-se no territorio, apoderei-me da sua nojenta pessoa, possuido do excessivo zelo pela santa causa da Federação e da causa de toda a America, juntamente responsabilizando-me eu só neste negocio, porque que o para mim só a gloria de entregar ao nosso illustre restaurador este feiçoso unitario, amarrado como um christo.

Procedamos ao interrogatorio, disse.

Viva o nosso juiz de paz! gritou Julião adiantando-se d'entre o grupo dos outros gauchos.

Viva! responderão todos.

O juiz de paz com ares de modestia tornou a sentar-se, não sem deixar lá com os seus botões de da-se os parabens de um acto, que ia servir de primeiro degráo á sua celebridade, presente e futura.

O interrogatorio deu principio.

Juiz — O seu nome?

Réo — Valentin Alsina.

Juiz — Idade?

Réo — Trinta e seis annos.

Juiz — Patria.

Réo — A Republica Argentina.

Juiz — Como é isso? pois ignora que os selvagens unitarios não são Argentinos?

Réo — Respondi á sua pergunta; não tenho a culpa que seja estúpido; porém é necessario que fique sabendo que não é o capricho de um tyranno, nem os delirios de um punhado de loucos, os que desherdão um pai dos filhos seus, que só procurão ser dignos de pertencer á patria que Deus lhe dõou.

Juiz — Silencio! selvagem unitario! do contrario não respondo por mim!

Uma das machinas judiciaes procurou socegar o juiz e pediu que continuasse o interrogatorio.

Surda agitação se notava entre os fanaticos campeiros. Alsina, elle só, mostrava tranquillidade, voltendo seu olhar senero como a magestade do genio.

O juiz suava, gesticulava, e um borbulhão confuso de palavras e epithetos exprimia a sua coe-rá... por fim esse furor, como todo out. o senti-

mento, teve o seu limite; e o juiz, como quem faz um grande esforço sobre si mesmo, cont nuou o interrogatorio, não sem augmentar a ousadia e atrevimento do seu tom, que ia quebrar-se ante a fria e augusta altivez do proscripto.

Juiz — Que vinha você fazer á esta Republica?

Réo — O Sr. sabe perfeitamente que eu não me dirigia para aqui, e sim a Corrientes.

Juiz — A Corrientes? um! e que ia você fazer por lá?...

Réo — Trabalhar, viver com minha familia.

Juiz — Ah! selvagem unitario; impavido de- zembrista (1), você ia revolucionar e machinar em companhia da boa joia do tal seu primo Ferré, o actual governador de Corrientes... você é inimigo do restaurador! Oução amigos e paizanos o que este nojento selvagem diz em um dos muitos papeis do mesmo theor, que lhe achamos na sua bagagem.

O enthusia ta magistrado tirou um papel da algibeira, e á luz de toscos archote leu o que se segue:

Notas.

« Rosas é o genio do mal feito homem, é um « tyranno execravel, um açoite da minha desven- « turada patria!

« Para morigerar um povo, para illustrar a sua « sociedade, não é necessario assassinar a metade « da população, alagar de sangue a terra e exilar « velhos, crianças e mulheres. Para os povos des- « locados pelas revoluções pode ser saudavel o « rigor das leis rigorosas, cujo effeito immediato « seja o restabelecimento da ordem.

« Porém o rigor de Rosas é á sede inesgotavel « de sangue, da fera carnívora; a sua obra é toda « de destruição, não de restauração...

« Surdo rumor, semelhante ao trovão que brá- « mava longiquo, inter. ompeu a leitura do juiz; os gauchos estavam n'um estado de fe mentação indesivel, e todos á uma voz clamarão:

A' morte o selvagem unitario!

Os punhaes brilharão no ar ameaçantes.

D. Antonia e o menino Adolfo abraçarão o preso.

Miguel ajustou a espingarda e ficou em attitu- de de fazer fogo sobre os raivosos amotinados.

Ordem! (gritou o juiz) socoguem, amigos e paizanos, o melhor serviço que podemos prestar ao illustre restaurador e á santa causa da fede- ração, é entregar nas suas mãos o selvagem uni- tario, aqui presente; e isso vivo. Assim pois

(1) Nome com o qual se classificavão os homens da revolução do dia 1º de Dezembro de 1828.

guardemo-lo com toda a vigilancia, como se fosse um pedaço de carne com couro que a gente quer conservar fre-quinho.

Essa allocução tão eloquente, acalmou os animos.

Derão os vivas e mo-ras do costume; o juiz e os comparsas da justiça de Rosa, retirárão-se, o preso tornou-se a deitar sobre a palha, mudárão-se as sentinelas, e o silencio, interrompido pelo est epito da grossa chuva sobre os tectos, e depois sobre as lages do pateo do mosteiro, tornou a reinar no interior da abandonada igreja.

(Continua.)



Quando no meu artigo de modas de domingo passado eu vos descrevi o *toilette* preto, esse trajar elegante e apropriado para as solemnídades da Quaresma, parece que vos advinhava o pensamento.

Ahi estão hoje as primeiras modistas empenhadas exclusivamente na promptificação delles: todas querem primar no melhor e mais bem acertado talho, fantasiando os melhores e mais especiaes enfeites; não têm mãos a medir.

O bom-tom na sua escolha tem preferido vestidos de damasco preto com quatro ordens de folhos da primorosa renda de chantilly e a mesma renda estreita guarnecendo o corpinho, ao gosto exactamente do nosso figurino deste mez; outras senhoras quizerão as grades e os aventaes de flores de veludo estampado, outras escolherão as largas rendas de *guipure* bordadas com vidrilhos, e o que mais é, todas por fim têm tido muito bom gosto, porque não ha duvida que estes novos enfeites são lindissimos e de um effeito maravilhoso sobre o vestido preto.

Vi no magico toygador de Mme Barat um des *toilettes*, cujo valor e bom gosto, explico-me soffrivelmente dizendo que, es á a par da delicada e seductora elegante que o mandou preparar. Entre todos os vaporosos enfeites des *e toilette* o que mais distincto se torna é bem seguramente o véo, pela especialidade com que foi imaginado. Eu descreverei aqui o bom-tom-

da elegante por que vale apenas leval-o ao conhecimento das minhas queridas leitoras.

O vestido é do mais brilhante damasco preto, com cinco guarnições de renda *guipure* bordada com vidrilhos, corpo a Luiz XV recoberto da mesma renda estreita formando um berthe inteiramente decotado; mangas curtas com tres ordens de outras mangas tambem de renda, as quaes vem alargando gradualmente até um pouco abaixo do cotovelo, para formarem ahi em fofinhos. E o véo, esse véo tão distincto, imaginae, de que seria? A elegante o mandou fazer da mesma renda larga cosida uma a outra e guarnecida de uma estreita grade de veludo nas pontas. Vêde pois que especialidade e distincção não revela esse ornamento composto de uma renda bordada com vidrilhos, cujo effeito é por certo fascinador! A elegante reinata perfeitamente bem o seu lindo *toilette*.

Agora passemos á segunda parte deste artigo, a qual diz respeito aos nossos *colletes*, cuja moda ainda faz em Paris tanto furor.

Depois de vos haver offerecido os moldes des ses *colletes* necessario se tornava dar-vos uma estampa por onde melhor avaliásseis a moda, o talho e graça, dos pequenos *paletots*, que com elles seu são, e quando eu esperava que viessem de Paris os figurinos para esse fim, os parisienses, mestres experimentados na arte de ensaiuar e bem explicar as modas, entenderão que devião fazer o contrario, remettendo em preferencia aos figurinos, esta presente estampa com seis differentes modelos de *colletes* e *paletots*.

Com effeito elles tiverão razão; o figurino em vulto inteiro mostra a elegancia do corpo todo e o completo *toilette* desta moda; mas estes modelos explicão melhor os objectos principaes que a caracterisào, e guão com mais certeza as senhoras que os quizerem cortar e preparar mesmo em casa.

Nesta estampa vereis pois os differentes feitios dos *paletots* de melhor tom e os mais procurados em Paris. Se ella vós agradaer terei mas um motivo de me alegrar vendo os meus esforços coroados pela vossa approvação, beneplacito, queridas leitoras, que sempre anhele em favor deste Jornal, que é vosso, e que só vós lhe dareis a vida de que carece, para poder toruar-se, não muy tarde, reconhecido á vossa protecção.

Catette, 20 de Março.

CHRONICA THEATRAL.

SS. MM. Imperiaes dignarão-se honrar o theatro de S. Januario domingo passado, dia dos annos de S. M. a Imperatriz, para ahi receberem as saudações e os festejos dessa noite entre os repetidos vivas do povo, que anhelante esperava tão Augustas Personagens.

Os camarotes, guarnecidos da primeira nobreza da corte, a par do corpo diplomatico, que ali tambem se achava, estavam brilhantes. As senhoras, em grande gala, ostentando o-luxo de seus valiosos diamantes e dos seus ricos vestidos de seda branca; o clarão da bem disposta illuminação do salão, e sobretudo a satisfação que se reconhecia no semblante de SS. MM., formavão um complexo de prazer e magestade que fascinava a todos.

Reappareceu nesta noite a companhia lyrica para nos dar a—*Maria de Rubens*—de Donizetti; a gorducha companhia de baile mimoseou-nos com a *festa de Terpsichore*.

Reservamo-nos de emitir a nossa opinião a tal respeito.

Sexta feira repetiu-se a *Somnambula* e o baile —*Paqueta*—.... *Récipe* — *Mais convalescença á companhia lyrica, e muito saude á Sra. Baderna e ao Devechi para poderem sustentar o corpo de baile a que pertencem.*

Em compensação porém teremos em breve de ouvir a voz da Sra. Stoltz, que, segundo dizem os que a ouvirão ultimamente, é magnifica. Que chegue ao porto e a salvamento quanto antes.

Mas a *Paqueta* não chegou a ir á scena porque adoeceu a Sra. Baderna!

Estrella.

Baile dos empregados publicos.

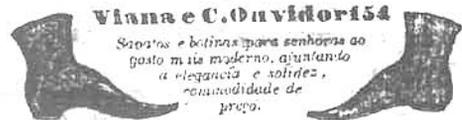
Temos de noticiar as nossas queridas assignantes mais uma sociedade de baile, que vai apparecer brevemente, sob os auspicios da corporação dos Empregados Publicos.

Reunirão-se na sexta feira os socios para formarem a sua directoria e os seus regulamentos, e instalarem quanto antes a sociedade, que deverá provisoriamente servir-se do Pavilhão do Paraíso. Fazemos votos para que ella prospere e se torne digna de tão illustre corporação.

UM BAILE DE CONTRIBUIÇÃO se prepara para com o seu producto soccorrer as primeiras necessidades dos invalidos e das veuvas dos nossos valentes da batalha de *Moron*; louvamos a ideia, mas desejavamos que esse producto revertesse antes em favor de alguma pia instituição a que se desse começo desde logo, e que puzesse ao cuberto das necessidades, não só a esses, com o a todos os outros valentes defensores da Patria.

O futuro seria bem agradecido á esta lembrança.

Acompanha a este numero a e tamph dos diversos modelos de paletots e colletes mais distinctos em Paris.



JORNAL DAS SENHORAS.

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS: o primeiro numero de cada mez vem acompanhado de um lindo figurino de melhor tom em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica, moldes e riscas de bordados.

SUBSCREVE-SE para este jornal nas casas dos Srs. WALLERSTEIN e COMP. n. 70, A. e P. DESMARAIS n. 36. MONGIE n. 87 rua do Ouvidor; e na Typographia de SANTOS e SILVA JUNIOR, rua da Carioca n. 32.

TODA A CORRESPONDENCIA é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das casas mencionadas.

PREÇO DA ASSIG. a ura: Por tres mezes 30000 rs. na Corte, 40000 rs. para as Provincias.

Os trimestres contão-se de Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro.—Typographia de Santos e Silva Junior, Rua da Carioca n.º 32.